



<b>Veículo: Diário do Pará</b>		
<b>Data:</b> 29/02/2016	<b>Caderno:</b> Geral	<b>Página:</b> A13
<b>Assunto:</b> Comunicação		
<b>Tipo:</b> Nota-Repórter 70	<b>Ação:</b> Espontânea	<b>Classificação:</b> Neutra

## Comunicação da UFPA: 40 anos de história

**ROSALY DE SEIXAS BRITO**  
Professora e jornalista\*

Poucos dias separam a data da morte do filósofo, escritor e ensaísta italiano Umberto Eco, ocorrida no último 19 de fevereiro e o aniversário de 40 anos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará, celebrado neste dia 28 de fevereiro de 2016. Embora seja fortuita a proximidade temporal entre esses dois acontecimentos, talvez possa fornecer um bom fio condutor para refletir sobre as últimas quatro décadas no cenário da comunicação e sobre como elas foram apreendidas pelo pensamento social desde o século passado. O livro Apocalípticos e integrados de Eco foi um marco no debate sobre a comunicação e a cultura de massa, questão de fundo e norteadora de um campo acadêmico que começava a se delinear no país no momento em que foi lançado. Passou a ser leitura obrigatória nos cursos de comunicação recém-criados, entre eles o da UFPA, implantado em 1976. Em parte, isso se justifica porque, quando o livro foi publicado em português em meados dos anos 1970, a polarização contida no seu título, tanto do ponto de vista cultural

quanto ideológico, espelhava o próprio contexto vivido pelo Brasil, então sob o regime militar que se estendeu por mais de duas décadas. Naquele cenário político sombrio, a televisão – especialmente a Rede Globo, de Roberto Marinho, implantada sob os auspícios do governo militar – fora escolhida como o meio por excelência para massificar a ideologia do regime. De um lado, eram censuradas impiedosamente a imprensa e as manifestações artísticas de contestação, que se multiplicaram em um ambiente de aniquilamento da liberdade de expressão. De outro, buscava-se a adesão das massas, oferecendo-lhes doses crescentes de entretenimento diário. No âmbito cultural e da comunicação, portanto, o país estava cindido e polarizado entre os setores que desafiavam a ordem e o establishment da ditadura, este último com um número cada vez menor de adeptos e apoiadores no final dos anos 1970. Em tal contexto, as ideias de Umberto Eco alcançaram ampla circulação. No curso de comunicação da UFPA, recém-criado, lia-se avidamente Apocalípticos e integrados, em que o autor fazia críticas contundentes



a duas maneiras de se abordar a comunicação e seu modelo cultural correspondente, a cultura de massa, em meados do século passado. De um lado, o que chamou de apocalípticos, movidos, a seu ver, pela obsessão da crítica à cultura de massa, que desde Theodor Adorno e Max Horkheimer passara a se chamar indústria cultural.

E, de outro, os integrados, defensores da lógica cultural do capitalismo e da arte leve – para usar um termo de Adorno –, alegando que a televisão, as histórias em quadrinhos, o jornal, o rádio, o cinema e o romance popular haviam alargado os horizontes da cultura, rompendo as barreiras da estratificação.

E por que a referência à obra de Eco é importante? Porque ela sintetiza duas vertentes hegemônicas de abordagem da comunicação na primeira metade do século passado, quando nosso campo de estudos se nutria quase que exclusivamente de contribuições teóricas vindas de outras disciplinas. Essas vertentes representam uma forma de entendimento do fenômeno da comunicação em escala massiva que já não pode mais encontrar ressonância neste início de século.

As quatro décadas de existência da Faculdade de Comunicação da UFPA testemunharam mudanças em escala sem precedentes no âmbito da comunicação que, a despeito de sua extensão e profundidade, porém, não significam necessariamente uma efetiva democratização da informação. Com a chamada “revolução digital” promoveram-se

fissuras importantes no modelo verticalizado da comunicação de massas, por muitos autores denominado um-para-muitos, com intensa concentração de poderes nas mãos das grandes corporações de mídia. Desde o advento e rápida massificação da internet advoga-se a emergência de um modelo mais

horizontal, muitos-para-muitos, em vista das possibilidades de interação por parte do receptor, que passa a ser, ele próprio, um produtor de conteúdo no ambiente da rede. Em outras palavras, o novo cenário pode conter os germens de uma verdadeira “revolução narrativa”, que reordena e rearticula o jogo de poder entre as mídias tradicionais seus públicos.

Não há dúvida de que esse reequilíbrio de forças já é, por si mesmo, animador. Claro está, porém, que com curso de comunicação e centro de formação mais antigo na área no Estado, não podemos apreendê-lo sem problematizações e sem considerar nosso “lugar de fala”, em uma região de fronteira como a Amazônia, exposta às lógicas e fluxos da economia e da comunicação globais, mas simultaneamente marcada por outras lógicas e temporalidades sociais, em face da diversidade étnica e sociocultural que abriga. É este o desafio que está posto e deve nos mover na nova década que agora se inaugura.

\*Jornalista, mestre em Comunicação, doutora em Ciências Sociais e professora da Faculdade de Comunicação da UFPA.